DERRUBADA NO GAMA

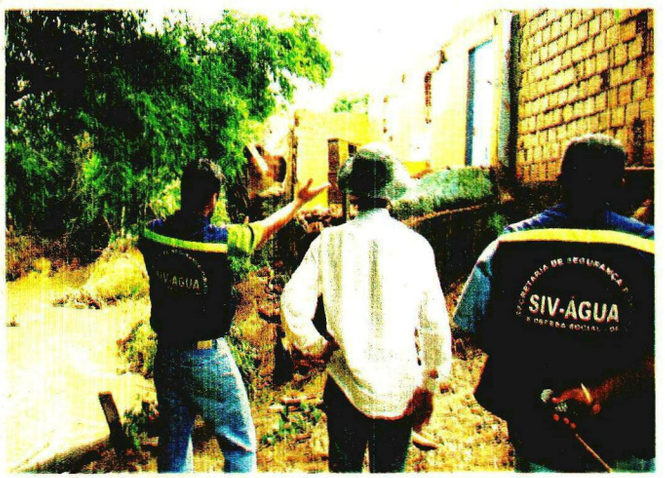
DF - Invasão

De mudança para o Recanto

Moradores poluíam o córrego Manjolo e casas corriam risco de desabamento

FERNANDA SCAVACINI

FOTOS: UESLEI MARCELINO



Siv-Água derruba casas no Ponte Alta de Baixo. Quatro família foram retiradas e ganharam lotes no Recanto das Emas

Casas construídas há mais de dez anos foram derrubadas ontem na Ponte Alta de Baixo, próxima ao Gama. Quatro famílias foram retiradas do local e ganharam, cada uma, um novo lote no Recanto das Emas. A operação, realizada pelo Serviço Integrado de Vigilância dos Recursos Hídricos (Siv-Água), teve o objetivo de evitar que os moradores continuassem a poluir o córrego Manjolo. Os esgotos eram despejados diretamente na água. O solo foi compactado e a área, degradada. Como as residências foram construídas às margens do córrego, havia o risco de desabamento.

"Três casas ainda serão retiradas", afirmou o comandante da operação, Gilson Roberto de Abreu, do Siv-Água. A missão não foi toda concluída porque os proprietários desses lotes conseguiram liminar da 4ª Vara de Fazenda Pública probindo a derrubada. O documento garantiu a permanência de pessoas como seu José de Souza Lima, 58 anos. Funcionário de uma oficina de recapagem de pneus - que funciona na propriedade -, ele mora e trabalha há cerca de seis anos no local. De acordo com seu José, o dono do terreno, Ednaldo Alves, mora em Samambaia e não pretende desocupar o espaço. "Ele abriu este estabelecimento há oito anos e vai brigar por ele", afirmou.

Acordo - Os servidores da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh) foram até Ponte Alta de Baixo, há uma semana, para cadastrar os moradores que ganhariam terrenos no Recanto das Emas. Para receber o lote, o beneficiado não poderia possuir imóvel no Distrito Federal e a família precisaria residir há mais de cinco anos na localidade. Todas as exigências precisaram ser comprovadas por documentos.

Graças ao cadastramento antecipado, foram destruídas apenas as construções vazias. Nenhuma das quatro famílias estava no local. O servente de pedreiro Aluizo Costa de Oliveira, 55 anos, foi um dos que tiveram a casa derrubada. Para ele, a vida só voltará ao normal quando tiver novamente uma casa para abrigar sua esposa e os três filhos - que moravam há seis anos em uma das casas destruídas. "Estamos vivendo de favor em um galpão. Temos o lote, mas vamos demorar muito tempo para construir tudo de novo. Fomos obrigados a começar do zero", lamentou Aluizo.